

## Museu do Estuque

# O espólio de Baganha

O estuque, forma de decoração conhecida desde a antiga Roma e praticamente desaparecida durante a Idade Média, reaparece no Renascimento como elemento decorativo.

### A ARTE DO ESTUQUE

Em Portugal, é pela mão do Marquês de Pombal – pouco antes do terramoto de 1755 – que é estabelecido o ensino da arte de estucar através da vinda de Itália de alguns mestres, como Grossi, Espavente e Augustini di Guardi. São estes artistas que, a mando do Marquês, vão estabelecer uma escola para a formação profissional dos seus primeiros ajudantes e introduzir, de forma segura, a arte de estucar a gesso e cal.

No Norte, a introdução e a implementação são mais demoradas. No entanto, e de acordo com o Dr. Flórido de Vasconcelos, pensa-se que tenha sido a vinda do mestre estucador António Pereira (a partir de 1718), para as obras da Sé no Porto, que permitiu a introdução da decoração em estuque, posteriormente implementada pelos trabalhos de Nicolau Nazoni e André Soares.

Na arte portuguesa, o estuque artístico teve enorme importância em todo o País, sobretudo a partir do século XVIII, estendendo-se e ganhando uma autonomia durante o século XIX.

A arte do estuque é um tema que tem sido esquecido, sobretudo porque sendo totalmente subsidiária da arquitectura, nela se fundindo e confundindo, não chega – erradamente – a ganhar estatuto próprio.

No entanto, nos últimos anos, tem-se assistido a um recrudescimento do interesse pelo estudo das artes deco-

rativas, facilmente demonstrado pelas diferentes manifestações que nesse campo se têm vindo a realizar.

### O ESPÓLIO DA FAMÍLIA BAGANHA

A família Baganha marcou de forma indelével as artes decorativas da região Norte, e não só. Deixou um espólio de desenhos, moldes, formas, notas de encomenda, bibliografia e correspondência... – um conjunto que, ao ser estudado, ajudará a compreender a sua relação com a sociedade comandante e a resposta que de algum modo soube dar ao que se fazia, nesse tempo, no estrangeiro. Além disso, dá à figura de Domingos Enes Baganha o estatuto que merece ao lado de artistas do seu tempo; por outro lado, abre caminho a novos estudos dentro do âmbito das artes decorativas dos fins do século XIX e primeiros anos do XX.

A coleção deu oficialmente entrada no Museu Nacional Soares dos Reis (MNSR) em 1982, no contexto de uma doação feita pelo último dos proprietários da oficina de estuques decorativos Baganha. O espólio reveste-se de um enorme interesse no contexto das artes decorativas em Portugal, sobretudo no Norte, em que a tradição da escultura decorativa fez escola.

O conjunto não foi entendido como coleção até ao momento em que o seu proprietário o decidiu doar ao MNSR. Até essa altura, o seu percurso não é



Elemento escultórico - Modelo de centro



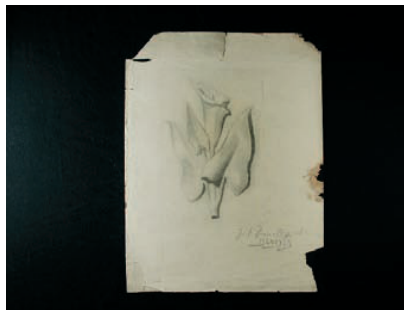
Elemento escultórico - Máscara pertença do Teatro Nacional de S. João



Elemento escultórico - Modelo de centro

sequer destrinchável do da própria oficina que o produziu, visto que o conjunto das peças é alheio a qualquer critério de selecção ou intuito de colecção.

Em 1995, num momento em que se verificava uma alteração das capacidades dos museus, a CRERE<sup>(1)</sup> e a A. Ludgero Castro, Ld.<sup>a</sup> tornam-se



Desenho/estudo para ornamento



Um dos livros que serviam de inspiração para a modelação de elementos

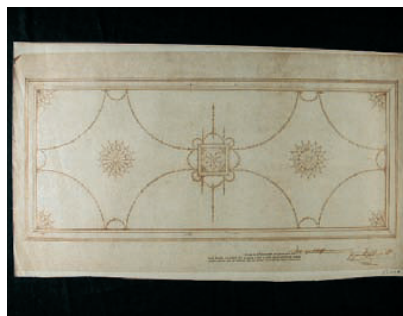


Desenho de vaso

os fiéis depositários do espólio Baganha através de um protocolo assinado com o Instituto Português de Museus.

### O MUSEU DO ESTUQUE

Com o fim de proporcionar à colecção um futuro digno que a sua qualidade justifica, e essencialmente de aproveitar o seu potencial museológico, a CRERE desenvolveu e registou o projecto de desenvolvimento e implementação do Museu do Estuque<sup>®</sup>. O projecto passa pela constituição de uma área de exposições e centro de documentação onde se poderão consultar desenhos preparatórios e as obras que lhes serviram de inspiração e, intrinsecamente, um espaço de reserva destinado à devida acomodação das peças não expostas. Trata-se de estabelecer uma platafor-



Projecto para tecto

ma de entendimento entre o objecto, o museólogo, o gestor de património, o conservador e restaurador, o arquitecto e o dono de obra.


Numa primeira fase, o projecto será estabelecido com recurso a um espaço virtual para, posteriormente, se concretizar a segunda fase: a implementação física do espaço da colecção de acordo com o anteriormente definido.

Esses espaços seriam complementados com a criação de uma base de dados sobre materiais, técnicas e



O ornamento após modelação e duplicação

ofícios tradicionais com carácter de mediateca, onde se disponibilizaria informação quer em suporte informático, ligado em rede a centros congéneres em território transnacional, quer em suporte documental através de modelos manipuláveis. Actividades de formação seriam consideradas a título pontual de curta duração, destinando-se a profissionais diversificados dentro do processo de conservação e restauro: arquitectos, gestores de património, historiadores de arte, engenheiros, técnicos de conservação e restauro, entre outros.

De imediato, e a acompanhar a primeira fase do Museu do Estuque<sup>®</sup>, promover-se-á o lançamento de uma colecção de peças em estuque, pequeno resumo do espírito do espólio Baganha. Esta colecção servirá para divulgação do espólio Baganha entre um público eclético, além de funcionar como ajuda pontual ao financiamento da implementação da primeira fase. 

#### Notas:

<sup>(1)</sup> CRERE - Centro de Restauro, Estudo e Remodelação de Espaços

MIGUEL FIGUEIREDO,  
Engenheiro, Grupo de Gestão de Conservação e Restauro da A. Ludgero Castro, Ld.<sup>a</sup>